

Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

Realiza-se, hoje, às 18 horas, na praia de Monte Gordo, a tradicional procissão de Nossa Senhora das Dores.

AVENÇA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO - RUA PINHEIRO CHAGAS, 24 - TELEFONE 59 VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO II - N.º 66 - Domingo, 12 de Setembro de 1954

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO - TIPOGRAFIA SOCORRO VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

A C. E. D. E O REARMAMENTO ALEMÃO

Por N. RODRIGUES PENA

QUEM tenha seguido de perto a evolução dos acontecimentos nesta última década, de maneira alguma, se poderia equivocar quanto à decisão assumida pelo Parlamento francês em relação à Comunidade Europeia de Defesa.

A não aceitação da C. E. D. pelos parlamentares franceses foi, incontestavelmente, o corolário lógico, embora para tantos brutal, dumha série de factos que de há muito colocavam o povo francês numa angustiada expectativa ante acontecimentos cada vez mais assustadores. Definiria o povo francês, através dos seus representantes na Assembleia, a sua própria opinião? Não restam dúvidas que o receio e o medo dum exército alemão, e, consequentemente, da supremacia du-

ma nova Wehrmacht, estão latentes em toda a França.

Sofrendo três invasões num período de 70 anos, a França, que ainda não cicatrizou as feridas do último conflito, encara com dúvidas e fundados receios todo o renascimento da máquina militar alemã. Após o malogro da conferência de Bru-

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

ELEMENTOS ESTATÍSTICOS PARA A ECONOMIA DO ALGARVE

A produção de No mês de Julho, foi a seguinte a produção de conservas de atum e similares, nos centros conserveiros do continente: Vila Real de Santo António, 225.366 quilos; Lisboa, 14.907; Setúbal, 13.647; Olhão, 9.808; Portimão, 1.256, e Matosinhos, 361.

Exportação O biqueirão tem escasseado este ano de molde a causar o facto sérias apreensões não só aos industriais como também ao pessoal operário, que vai estar privado do seu ganha-pão durante o Inverno que se avizinha. Há dias, o utilíssimo peixe deu-nos um ar da sua graça e oxalá ele reapareça a fim de assegurar o funcionamento hibernal das nossas fábricas. E, a propósito, queremos chamar a atenção dos fabricantes para uma circunstância que julgamos animadora. Até

O PROBLEMA DAS PADARIAS

«ESTÁ profundamente abalado o edifício de toda a economia moderna, e, se com certa rapidez se não restabelece o equilíbrio, aí começam as especulações a substituir os negócios, a finança a sobrepor-se à economia, as fantasias a perverter a produção, os homens e as nações sem saber se ganham ou perdem em produzir e em vender, e tudo outra vez a anarquizar-se e a acumular-se de ruínas.»

Do relatório da «Conta Geral do Estado», de 1930/31, do sr. dr. Oliveira Salazar.

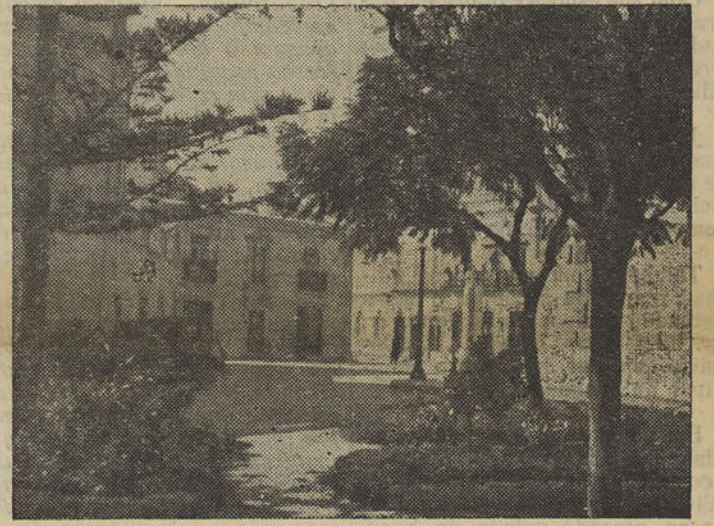
O lucro das actividades da indústria de panificação nas aldeias, vilas e até mesmo nas cidades, é de tal forma baixo, que o seu au-

mento tem preocupado os dirigentes dos Grémios dos Industriais de Panificação do País, como se pode ver pela exposição feita à Assembleia Nacional, e que veio publicada no Diário das Sessões n.º 19, de 26 de Janeiro do corrente ano.

Deste problema se tem ocupado largamente a Revista Portuguesa de Panificação, publicando estudos de contabilidade Industrial, onde se demonstrou por $a + b$, que o lucro do pequeno industrial é insuficiente para remunerar o seu Capital e o seu Trabalho empregados nesta indústria. Este lucro porém só aumentava quando, constituída uma sociedade por quotas entre as pequenas unidades industriais, elas diminuíssem as despesas com o menor consumo dos combustíveis e menores despesas do pessoal.

Tal directriz foi mesmo determinada pelo decreto

(CONTINUA NA 4.ª PAGINA)



OLHÃO — Largo da Restauração

CARTA DE OLHÃO

Pelo Dr. F. FERNANDES LOPES

VOLTADAS as costas a Sines e recaído no ramerrão olhanense da clínica quotidiana, não quero no entanto que os amáveis leitores deste periódico acolhedor me figurem absorto nas reflexões semiológicas e terapêuticas sobre os males alheios, porque, se nunca abandonei — nem abandono! — a Medicina (ao contrário do que possam ter conjecturado os espíritos simplórios ou pretendido os malignos...), também me é impossível relegar para o olvido involuntário as questões de toda a ordem que movem a minha roda enciclopédica... De há muito me habituei a descansar de umas coisas noutras; no que não

há dilettantismo fútil, mas verdadeira tendência construtiva, desde que, como me sucede, os esforços se vão somando, em cada sector, direcção ou problema. Daqui o segredo de se poderem ir fazendo as mais diversas coisas ao mesmo tempo, (por assim dizer), sem confusão possível, mas antes com pertinente lucidez e precisão. Questão de ginástica de espírito, de maleabilidade de esforço, que permite retomar, a anos de distância, uma questão, no ponto em que fora deixada, e sem ter sobre-carregado ou atravancado a memória com uma bruta erudição inútil, deixando o espírito lábil para o sine quo non, — a mente que há-de agitar a mole, e confeccionar o frutífero mel cultural.

Todo este desconcertado intróito vem à colação para significar que, por exemplo, o nunca assás gabado altar de Santo Ambrósio de Milão pode viver no meu espírito paredes-meias com a doença de Simmonds (que os meus colegas sabem muito bem o que vem a ser) e para a qual a minha atenção veio especialmente chamada agora, desde Sines, por uma conversa casual, na praia, com duas senhoras um pouco obesas... Por sinal que o encadeamento foi este: obesidade, — participação, nela, da hipófise, — síndromas hipofisiários, — caquexia de Simmonds nas suas formas frustres que se me afiguram correntíssimas e pois do maior interesse para a clínica vulgar. Sabe-se como data apenas de 1914 (ou de 1916?) a descoberta de Simmonds e como só recentemente se tem reparado na sua fundamental importância...

Mas deixemos estas sabedorias esculápicas para a restrita grei hipocrático-galénica (embora se diga que de médico, como de músico e de louco, todos temos um pouco...) e venhamos a matérias mais acessíveis a todo o mundo, embora algumas não conhecidas por quase ninguém.

(CONCLUI NA 2.ª PAGINA)

O PRIMEIRO PORTO

SARDINHEIRO DO MUNDO

DURANTE muitos anos, o porto de Vigo ocupou lugar de primazia como porto sardinheiro. Não só se encontrava à cabeça dos portos peninsulares, como se destacava entre todos os do mundo. Precisamente, a abundância de sardinha, que povoava as águas da ria, permitiu que se edificasse e progredisse a potente indústria de conservas, que dela se nutria e que adquiriu vigoroso desenvolvimento de todos conhecido.

Apesar disso, a tradicional característica sardinheira

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

ATRAVÉS DO PASSADO

A FAMÍLIA DE SILVA GAYO

Por MARCOS ALGARVE

NOTÍCIAS DO ALGARVE publicou, no mês de Junho último, dois artigos da pena do sr. Manuel dos Santos Cabanas, artigos interessantes, de uma elegância sóbria, que prenderam a minha atenção.

Pensei logo em comentá-los e adicionar-lhes alguns esclarecimentos necessários sobre a preclara família Silva Gayo.

Hoje, bem disposto e com melhor saúde, aqui venho desempenhar-me desse encargo, que envolve, para o meu espírito, gratas recordações.

A família Silva Gayo, salvo opinião em contrário, era retintamente liberal, daquele aceso liberalismo a que pertenceram Garrett, Herculano, José Estêvão, Saldanha, Terceira, Palmela e muitos outros.

Manuel da Silva Gayo e Mário da Silva Gayo eram

filhos do outro Silva Gayo, que foi lente de Medicina da Universidade de Coimbra e autor de dois valiosos romances históricos — «Mário» e «Frei Caetano Brandão».

O pai morreu novo e os

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

O RISO DA SEMANA



— Papá, chlohi!

NO esplêndido cenário de Monte Gordo, viveram-se, na manhã da passada terça-feira, momentos de grande entusiasmo. O Concurso Infantil das Praias de Portugal, simpática iniciativa do «Diário de Notícias» que tão brilhante êxito tem obtido nas principais praias do País, foi acolhido pelos jovens «artistas» da colónia balnear de Monte Gordo — representando famílias de todo o Algarve, Baixo Alentejo e Lisboa — com excepcional interesse.

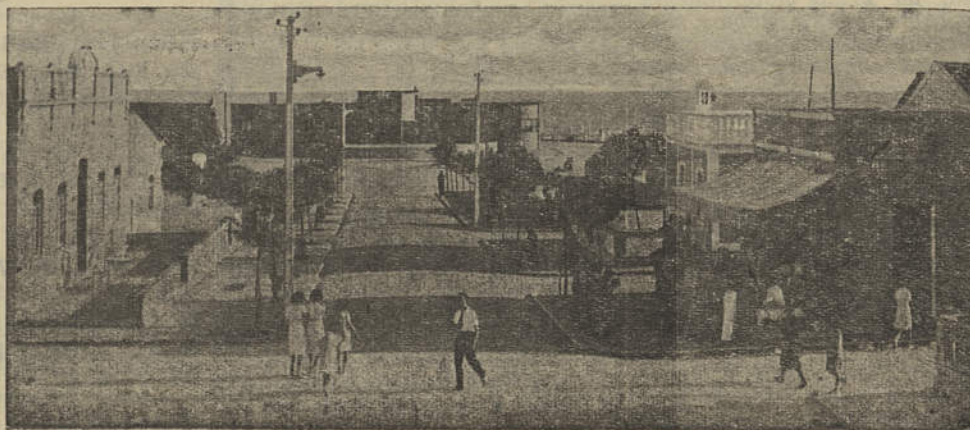
Graças as providências tomadas pela Comissão de Turismo local, a que preside o nosso prezado amigo sr. Matias Barroso Gomes Sanches, e de que fazem parte os srs. Emilio Diogo Costa e Manuel Domingues, e à acção do correspondente do «Diário de Notícias», sr. José Alves Mestre, os delegados daquele jornal encontraram as maiores fa-

CONCURSO INFANTIL DAS PRAIAS DE PORTUGAL

MONTE GORDO

E PRAIA DA ROCHA

encerraram com grande entusiasmo este interessante certame promovido pelo «Diário de Notícias»



MONTE GORDO — Vista parcial

cilidades para o desempenho da sua missão em Monte Gordo, sendo de destacar, entre estes, o di-

namismo de Erico Braga, a quem um impertinente ameaço de gripe não impediu.

(CONCLUI NA 3.ª PAGINA)

CHÁVENAS DE CAFÉ

QUASE AMARGO

PELO DR. CRUZ MALPIQUE

SAUDE

O REVERENDO d'«Os Maias» dizia que o latim era a basezinha, sem a qual não poderia haver educação literária. Pois da saúde é que nós poderíamos dizer, com boa e fundamental verdade: é a basezinha, ou o dever primordial, para que possamos cumprir os nossos deveres. Sem saúde, não podemos dar o pontapé de saída no joguinho das nossas actividades.

INTERPRETAR À LETRA

CERTO professor marcou aos seus alunos, para casa, um problema desta força: «Quanto tempo é preciso a um homem, andando à razão de três quartos de milha por hora, para dar a volta, duas vezes, a um campo, que mede quatro milhas quadradas?» Um dos alunos mostrou o problema em casa, os pais ficaram perplexos com a tarefa dada ao

(CONCLUI NA 2.ª PAGINA)

DRAGAGEM

DO RIO GUADIANA

TERMINOU, no passado dia 9, a sua actuação, neste porto, a Draga «Tavira», a qual, conditvada pelo rebocador «Fogoso» e por 2 batelões, tinha iniciado, em Abril do corrente ano, a limpeza dos troços do rio, que se encontravam assoreados, prejudicando seriamente a navegação, conforme oportunamente noticiámos.

Depois de ter procedido à dragagem junto ao molhe acostável, seguiu-se a ponte-cais internacional, e, por fim, o cais da Lotá do Pescado, com que a Junta deu por finda esta primeira fase de limpeza, tendente à melhoria das condições do porto de Vila Real de Santo António, cuja importância e urgência temos frisado sistematicamente nestas colunas.

Resta agora — e já não é sem tempo! — solucionar o problema principal, ou seja a dragagem do canal de acesso da Barra do Guadiana.

Notícias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Encontra-se a veranear em Monte Gordo, com sua esposa e gentis filhinhas, o nosso prezado amigo e assinante em Lisboa, sr. Alberto de Sousa Oliva, funcionário superior do I. P. C. P..

Com sua esposa e filhos, encontra-se nesta vila o sr. eng. Joaquim dos Santos Travassos, nosso prezado amigo e assinante em Lisboa.

Já regressou a Lisboa o nosso querido amigo e prezado assinante sr. eng. Carlos José Freire Medeiros, que aqui passou algum tempo, em gozo de férias.

Também, com sua esposa e filhas, regressou à capital o nosso estimado amigo e assinante, sr. dr. Jorge Lopes Bonança, funcionário superior da Câmara Municipal de Lisboa.

Em gozo de férias, seguiu, há dias, para Lisboa e Mem Martins, acompanhado de sua esposa, o sr. A. Ivar de Lemos, proprietário do nosso prezado colega de Faro, «Correio do Sul».

Encontra-se a veranear na praia de Albufeira, acompanhado de sua família, o sr. dr. Luís Bernardino da Silva, distinto médico em Olhão e nosso prezado assinante.

Acompanhado de sua família, encontra-se nas suas propriedades da Conceição de Tavira, o nosso prezado amigo e assinante, sr. dr. Fernando Teixeira de Azevedo, agente do Banco de Portugal em Faro.

Foi a Lisboa o sr. Comandante João Emilio Henriques de Brito, capitão dos portos desta vila, Faro e Tavira.

Regressou a Lisboa, depois de ter passado alguns dias em Isla Cristina—(Espanha), junto de sua família, a menina Mariquita Dolores Abreu Flores, gentil filha do nosso prezado amigo e assinante, sr. José Abreu Fernandes.

De visita a sua família, encontra-se nesta vila o sr. Miguel Palmeira, nosso prezado assinante em Lisboa.

Com sua família, regressou de Tavira, onde foi passar as suas férias, o nosso prezado assinante sr. António Henrique Felício.

Acompanhado de sua esposa, regressou a Lisboa o nosso estimado assinante sr. Delmonte Fernandes de Vasconcelos.

De visita a sua família, esteve em Tavira a sr.ª D. Noémia S. Martins Rodrigues.

Realizou-se, no dia 22 do mês passado, no Sé Catedral de Faro, a cerimónia dos esponsais da sr.ª D. Maria del Carmen Sanchez Ramirez, filha da sr.ª D. Maria del Carmen Ortigão Gomes Sanchez de Ramirez e do nosso prezado amigo sr. Mário Garcia Ramirez, presidente do Grémio dos Industriais de Conservas de Peixe de Sotavento do Algarve, com o sr. Tomaz António Pimentel Pinto Bandeira da Gama Vasconcelos Pessanha, filho da sr.ª D. Maria Firmina Pimentel Pinto Vasconcelos Pessanha e do sr. dr. Gonçalo Pires Bandeira da Gama Pessanha de Faria Coutinho, distinto médico em Tavira.

O acto religioso foi presidido pelo nosso estimado confraterneiro e prezado amigo, rev. dr. Sezinando de Oliveira Rosa, secretário geral da Acção Católica Portuguesa.

Nascerimentos

Em Lourenço Marques, onde reside, deu à luz uma criança do sexo masculino a sr.ª D. Maria Catarina Pinto Medeiros Cassiano, esposa do sr. eng. Henrique Rocheta Cassiano e filha do nosso prezado amigo e assinante em Faro, sr. João Celorico Medeiros. As nossas felicitações.

Na maternidade local, deu à luz, no passado dia 8 do corrente, uma criança do sexo masculino, a sr.ª Dr.ª D. Maria da Encarnação Ferreira Mendes de Vasconcelos, esposa do nosso prezado amigo e assinante, sr. Fernando de Vasconcelos.

Mãe e filho encontram-se, felizmente, bem.

Aos pais, cordiais felicitações pelo bom sucesso.

Casamento

No passado dia 4, celebrou-se, na igreja de Santa Catarina, em Lisboa, o enlace matrimonial da

BOSQUEJOS MONTE GORDO

FOMOS dos muitos que nos últimos domingos—por afares nos outros dias da semana—estiveram em Monte Gordo, irmanados no mesmo desejo de sol e ar puro, na mesma alegria de viver que o ambiente da magnífica praia tanto nos proporciona. Vivendo embora, aspirando a plenos pulmões a aragem a um tempo quente e fresca provinda do oceano, sentindo sem receios a carícia deste e a do sol que nos torricava a pele, nem por isso deixámos de reparar no que à nossa volta ocorria, na policromia dos aspectos que ante nós se desdobravam, na grandeza e no encanto da moldura em que tudo se enquadrava.

Monte Gordo é uma praia maravilhosa. Tem-no dito quantos a vêem e sentem, repetimolo nós aqui, uma vez mais. Grande, a perder de vista, a segurança que nos oferece é sempre igual, sem delimitações que inspirem medo, sem zonas duvidosas onde a vida humana possa perigar. Limpa, não achamos nela a abundância de calhaus e pedras que notamos em tantas das suas congéneres, incomodando e mesmo ferindo o banhista habituado a areia, só areia, nem a fartura de límos com que noutros lados se topa a miúdo e que, aderindo ao corpo, nos obrigam muitas vezes a prolongar o banho...

A praia seduz e atrai. O mar e o sol conjugam-se harmonicamente para produzir este milagre. Quem nela permanecer um dia não mais a esquece, repetindo a permanência sempre que para isso tiver ensejo. Mas com requisitos naturais de tal valia, porque não há-de a mão do homem valorizá-la mais ainda, colhendo depois os frutos que essa valorização não deixa por certo de produzir? Tem já luz eléctrica, água canalizada, o indispensável casino, uma óptima estrada através da mata e uma infinidade de planos à sua volta. Os planos, porém, não contam, enquanto não se tornarem factos, e aquilo com que Monte Gordo efectivamente conta é pouco, muito pouco mesmo, em relação ao seu real valor.

Não vamos esmiuçar uma a uma as necessidades de carácter urgente da nossa praia. Conhecem-nas tão bem todos os nossos confraterneiros, que isso se nos torna desnecessário. Mas não o esqueçamos. Sem, pelo menos, um bom hotel, que não tenha talvez a envergadura dos vários que vemos na Praia da Rocha, mas que não deixe de ser hotel; sem um «court» de ténis, indispensável numa praia, mesmo de muito menor importância; sem uma iluminação mais forte e melhor distribuída, em especial, nos pontos mais centrais; sem melhores instalações e acomodações na própria praia (que falem por exemplo, as barracas peçadas e com chuveiros pré-históricos dos banheiros), Monte Gordo nunca passará de linda, da prata naturalmente bela de que todos gostamos, mas que muito banhista e quase todo o turista considera um tanto «indigesta», por falta de comodidades que reputa elementares.

A. A. de Sousa

CORRESPONDÊNCIA DOS NOSSOS ASSINANTES

Alvaro Pina Duarte, (Chinde) — Ficámos muito reconhecidos pela quantia que nos enviou, estando a sua assinatura paga até ao número 100.

Francisco Rodrigues Mortagua, (Beira-Moçambique) — Com os 120\$00 que nos enviou fica, paga a sua assinatura até ao número 115, de Setembro de 1955. Muito gratos pela amabilidade.

Visado pela Comissão de Censura

sr.ª D. Maria da Encarnação Ferreira Peres, com o sr. Manuel Severiano Leiria Machado.

Serviram de padrinhos, por parte da noiva, seus primos, sr.ª D. Maria Amália Leiria Machado e seu marido, sr. Manuel Hipólito Machado, nosso prezado amigo e confraterneiro, e, por parte do noivo, seu irmão, sr. Henrique Marcelo Leiria Machado e sua esposa.

Aos noivos, que fixaram residência em Lisboa, desejamos as maiores felicidades.

Carta de Olhão PELA VILA

(CONTINUAÇÃO DA 1.ª PÁGINA)

Com efeito, se raros dos que visitam Milão terão ido admirar com consciência o nunca assás gabado altar da basílica ambrosiana, quem é que terá ouvido falar dos estuques de Cividale no Friul?

Confesso que caí das nuvens quando li estes nomes pela primeira vez, e mais espantado fiquei quando soube daquilo de que se tratava e dos problemas que, como as cerejas ou os alcátruzes, lhe vinham apensos.

Eis o caso. Na pequenina igreja de Santa Maria in Valle, em Cividale do Friul, existe, desde há mil anos ou mais, uma obra única de escultura que faz converter a pequena cidade montanhosa num lugar importantíssimo, escultura não em bronze nem em pedra mas em estuque.

Facto esporádico em absoluto, obra de um artista desconhecido que ali teria ido parar—caso tremendo de deteriorização de estilo causada pelo contacto de um meio exótico num artista castiço, no justo dizer do prof. Pijoan—tal se revela a obra curiosíssima dos estuques de Cividale.

O artista, bizantino certamente, «esculpiu primeiramente, na arquivolta do arco da entrada, um friso admirável com folhas de parreira cheias de cachos de uvas. Depois, no alto, seis virgens em estuque fazem companhia a uma figura sentada. São imagens esbeltas de uma grande beleza. São bizantinas? Assim parecem pelo vestido, ainda que algo provincianas, para não dizer estrangeiras... Pela sua fisionomia e maneiras, são teutónicas; têm a estatura e as proporções de virgens nórdicas; parecem Valkírias cristianizadas. Dir-se-ia que são damas lombardas da pequena corte do duque de Friul, que foram a Constantinopla e regressaram com trajes e jóias de moda na capital, com largas mangas, gola e estola... As saneas das túnicas, decoradas com bordados de pérolas, são também de uso corrente entre os personagens palatinos de Bizâncio.

«Não sabemos como se chamava o autor daquela decoração, nem quando a fez; é, de resto, um ponto muito discutido se os estuques de Cividale são do século VII, quando os artistas bizantinos emigraram, empurrados pelo Islão, ou do século IX quando fugiram da perseguição iconoclasta.» Tudo o que se pode dizer é que entre aquelas datas um artista desconhecido, provavelmente sem grande renome, teria fugido de Bizâncio, isoladamente ou de envolta com outros arquitectos, que teriam construído a pequenina igreja de tipo semi-bizantino de Santa Maria.

A filosofia do caso, Pijoan bem a deduz: «os éxodos por perseguições políticas ou religiosas, as diásporas, como se chamam estas calamidades em grego pedante, são cruéis para os artistas e crentes, porém benéficas para a cultura e arte. Fazem circular ideias, implantam princípios em países estranhos; sobretudo põem à prova a fé dos expulsados e às vezes obrigam-nos a retrair-se do seu exagero. Especialmente em arte, as perseguições têm sido sempre benéficas. Os artistas apreciam, maravilhados, as singularidades e até as imperfeições do país aonde lhes tocou transportarem-se, e a miúdo interpretam com grande clarividência o espírito local que já não impressiona os indígenas, fatigados da sua contemplação.»

Seja como for, a obra do escultor de Cividale liga-se à primeira diáspora que o Islão determinara, caíndo, como um ciclone inesperado sobre o império bizantino, destruindo em poucos anos os efeitos das campanhas de Heráclio, que tão duramente castigara os persas. Primeiramente, é «uma

GRANDIOSO FESTIVAL na Luz de Tavira

REALIZA-SE, hoje, organizado pelo Centro de Recreio Popular da Casa do Povo desta localidade, um grandioso festival recreativo, com o seguinte programa:

As 8 horas—Alvorada com foguetes e morteiros.

As 22 horas—No parque de diversões da Casa do Povo, um grandioso baile, abrilhantado pela magnífica orquestra «Jazz Imperial» e o seu vocalista José Francisco, e onde também actuarão, num acto de variedades, as consagradas artistas da Emissora Nacional, Maria José Valério e Maria Eurídice, que deliciarão a assistência com o seu vasto repertório.

multidão de cristãos ortodoxos, sobretudo monges» que tiveram que emigrar da Síria e da Palestina e buscar refúgio em Constantinopla. Em seguida, estes refugiados e outros, a quem a sua chegada à capital obrigou a deslocarem-se, marcharam para terras ainda mais ocidentais que Constantinopla, correram para as províncias bizantinas do Adriático e até à Itália, e sobretudo para Roma. Este movimento produziu a primeira invasão de artistas bizantinos no Ocidente,—a primeira das três, cuja última foi como se sabe, em 1453, com a tomada de Constantinopla pelos turcos.

Este primeiro éxodo de artistas bizantinos, ocasionado pelo Islão em meados do século VII, foi seguido e agravado pela quase imediata perseguição dos imperadores iconoclastas, desde 726, por parte do imperador isáurio Leão III, éxodo que se prolongou até, pelo menos, princípios do século IX. Assim, «artistas e monges partidários do culto das imagens deram-se pela Dalmácia, Sicília e Itália meridional.» Alguns deles, mesmo, passaram à Inglaterra, com Teodoro de Tarso e Adriano de Nápoles, em 669, e ali deixaram a semente da admirável escola de escultura a que se devem as famosas cruzes altas anglo-saxónicas da Nortúmbria... «Outros haviam ficado pelo caminho: assim aqueles que construíram as igrejas semi-bizantinas: de S. Donato, em Zara, na Dalmácia, e de Santa Maria, em Cividale, no Friul, no século VIII, provavelmente.» Várias igrejas da Itália, especialmente em Roma, sabe-se que «foram restauradas por monges bizantinos ali refugiados depois de 650». Mais se verifica que desses emigrados, monges ou laicos, ficaram na Itália sobretudo os artistas de pintura, indo para a Grã-Bretanha, sobretudo, os que eram escultores... porque não há, na Itália ostrogótica, lombarda ou romana, nada que se compare aos relevos das cruzes altas inglesas. Em troca, a esta primeira diáspora se ligariam os mosaicos romanos dos séculos VII e VIII e os frescos semi-bizantinos de Roma, (os da igreja de Santa Maria a Antiga, em especial).

Pijoan bem faz notar a «magna importância» de tais obras, comparando-as com o que naquela época se fazia no Ocidente da Europa, latino ainda ou bárbaro já.

Mas esta carta vai longuíssima, e o assunto, da maior transcendência para a compreensão da história artística medieval, bem pode constituir matéria de uma outra—se os leitores possíveis se não enfatiarem, preferindo assuntos menos... pesados.

Olhão, 8 de Setembro de 1954.

Francisco Fernandes Lopes

Como de costume, constituiram uma grande manifestação de fervor e carinho pela Padroeira desta vila, as festas que em sua honra se realizaram. Pena é que as mesmas não possam apresentar o antigo esplendor que lhe era peculiar. Porque não reavivá-las, com o auxílio da Comissão de Iniciativa e Turismo?

A Banda de Tavira actuou como sempre, óptimamente regida e com execução muito boa.

Mais uma vez, e durante as Festas em honra da Padroeira, se deu o facto de ter que se ir buscar uma Banda fora, quando na nossa terra até chegaram a existir duas. Não haverá por aí boas vontades que de novo a reorganizem, proporcionando-nos algumas tardes de recreio e educação musical?

Estamos convencidos de que as Autarquias locais não deixariam de aplaudir, indo decerto até prestar o seu valioso e necessário auxílio.

Junta de Freguesia

Para o Refeitório de Indigentes, mantido pela Junta de Freguesia, foram oferecidas, no dia 7 do corrente, 50 rolas, parte do produto de uma caçada realizada pelo exímio caçador italiano, sr. Mário Gattarosa.

Em nome dos seus protegidos, a direcção da referida Junta agradece a dádiva.

CHÁVENAS DE CAFÉ QUASE AMARGO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

menino—que era pequenino—e, no dia seguinte, o professor recebe epístola da mãe da criança, dizendo-lhe que o filho saltara à escola, por ter ido substituir o pai no trabalho.

«O pai adoeceu? Não. Fora resolver praticamente o problema, e, como lhe pesasse o pé, levou largo tempo a fazer a caminhada, enquanto o filho o fora substituir na função de porteiro.»

A mãe explicava ao sr. professor que, de futuro, desse problemas que uma mulher—uma fraca mulher—pudesse resolver, de modo a não dar essa incumbência ao marido. Não são coisas que se façam!

Conclusão: é preciso ter espírito para não interpretar à... letra.

Cruz Malpique

BAIRRO ALTO

Para o artista Manuel Cabanas

Naquela casa de pasto da rua ali da Barroca, naquela espécie de toca onde como e donde gasto,

há muito que ando no rasto, como de pão para a boca, duma gaiata laroca que vem servir-me o repasto.

E' azougada, ladina e, ou porque goste de mim, ou co'a mira na gorjeta,

Como ela as coisas combina porque não ou porque sim! E aquilo tem uma treta!

Mas uma antiga sopeira, sessentona, ou mais além, cadela que já não tem sequer dono nem coleira,

sempre que pode, se abeira de nós dois, com ares de alguém, e, com falas manas, vem estragar-me a brincadeira...

E os assuntos que ela versa mudando o rumo à conversa quando eu quero meter choupa!

Como em cozinha se espelha, não deixa, o estupor da velha entrar o bispo na sopa...

CARDOSO MARTHA

AGENDA

MOVIMENTO DA BOIA de Vila Real de Santo António

De 3 a 9 de Setembro:

TRAINEIRAS	
Brisa	63 535\$00
Leste	56 770\$00
Maria Rosa	48 440\$00
Carmela	46 995\$00
Flor do Sul	42 730\$00
Batinha	40 280\$00
Raulito	38 540\$00
Norte	35 520\$00
Pérola do Guadiana	34 000\$00
Liberta	30 610\$00
Agadão	27 270\$00
Sam Domingos	25 010\$00
Janita	22 720\$00
Flor do Guadiana	22 419\$00
Levante	20 690\$00
Infante	12 050\$00
Tufão	8 630\$00
Toluiz	3 515\$00
Persistente	2 620\$00
Deolinda Rita	590\$00
Total	582.934\$00

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António

De 3 a 9 de Setembro:

Entradas:
DA CAPO, Holandês, de 499 ton., de Lisboa, com folha de flândres
ZÉ MANEL, Português, de 926 ton., de Lisboa, vazio.
COSTEIRO, Português, de 629 ton., de Lisboa, com adubos para Alcoutim e Pomarão.
LAUPEN, Suíço, de 469 ton., de Oran, com carga em trânsito.
ZÉ MANEL, Português, de 926 ton., de Lisboa, vazio.

Saídas:
DA CAPO, Holandês, para Hamburgo, com conservas.
ZÉ MANEL, Português, para Lisboa, com minério.
COSTEIRO, Português, para Lisboa, com minério.
LAUPEN, Suíço, para Génova, com conservas.
ZÉ MANEL, Português, para Lisboa, com minério.

FARMÁCIA DE SERVIÇO
Está de serviço permanente, de 11 a 17 de Setembro, a Farmácia SILVA, Rua Miguel Bombarda-Telefone 64.

COMISSÃO Municipal de Assistência

A seu pedido, foi exonerado do cargo de presidente da Comissão Municipal de Assistência o sr. Joaquim Teixeira Marques.

Para o citado cargo, foi nomeada a sr.ª D. Maria Teresa Ortigão Gomes Sanches, a quem muito devem as classes necessitadas locais.

Falecimentos

Josefa Maria Gregório
No passado dia 6, faleceu, nesta vila, a sr.ª D. Josefa Maria Gregório, de 75 anos de idade, natural da aldeia de Espírito Santo (Mértola).

A extinta era viúva do sr. Francisco Peleja e mãe das sr.ªs D. Maria José Martins, D. Bárbara Rodrigues, D. Almerinda da Cruz, D. Deolinda Baptista e D. Felismina Baptista.

Este funeral esteve a cargo da «Agência Patrocínio».

Boia da Conceição Rodrigues

No passado dia 7, faleceu, em Monte Gordo, a sr.ª D. Lúcia da Conceição Rodrigues, de 27 anos de idade, natural de Caceia, casada com o sr. Manuel Ferreira Beato, negociante de peixe, e que deixa duas filhinhas, Maria Arminada e Maria Solange.

Este funeral esteve a cargo da «Casa Funerária», de Emiliano Viegas.

Isabel da Conceição Monteiro

Com a avançada idade de 80 anos, faleceu, em Aljezur, a sr.ª D. Isabel da Conceição Monteiro.

A virtuosa finada, que era dotada de excelentes qualidades morais, era tia dos srs. dr. António Monteiro Baptista, advogado em Loulé, e do nosso prezado amigo e assinante, sr. capitão Inácio Monteiro Pacheco, comandante da Companhia da Guarda Fiscal nesta vila.

As famílias enlutadas, e em especial ao sr. capitão Monteiro Pacheco, apresentamos sinceras condolências.

CONCURSO INFANTIL DAS PRAIAS DE PORTUGAL

[CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA]

diu de ser o grande animador do certame.

Ao que nos consta, o número das «revelações artísticas», este ano, foi muito modesto, em relação ao do ano passado, sendo de esperar, todavia, que no próximo ano os «génios» desabrochem como cogumelos em terra húmida...

O júri, de que faziam parte os srs. Matias Gomes Sanches, Alberto de Sousa Oliva e o actor Erico Braga, não teve, pois, especiais dores de cabeça para classificar os «trabalhos apresentados». Assim, à tarde, no Casino Oceano, e depois de Erico Braga ter agradecido as atenções tidas para com o «Diário de Notícias» aos srs. dr. Alonso Vasques, presidente da Câmara Municipal desta vila, comandante Henriques de Brito, capitão do porto, à Comissão de Turismo e ao correspondente daquele jornal, foi revelada a atribuição de prémios:

1.ª categoria (dos 12 aos 15 anos) — 1.º, Artur Manuel Simões da Piedade, (Urso), bicicleta «Hélio»; 2.º, Maria de Lourdes Abecassis Dias, (Caravela), máquina fotográfica «Rondine», Ferrânia; 3.º, João Manuel Seixas Palma, (Cavalo), colchão pneumático «Repimpa»; 4.º, Maria Luísa Serafim, (Vendedeira de louça de barro), colete de natação «Repimpa».

2.ª categoria (dos 9 aos 11 anos) — 1.º, Francisco Manuel P. Dias, (Vasco da Gama), bicicleta «Hélio»; 2.º, Isabel Maria Girão Teixeira Marques, (Encantador de serpentes), máquina fotográfica «Rondine», Ferrânia; 3.º, Ana Maria Baptista de Sousa, (Taça de flores), colchão pneumático «Repimpa»; 4.º, Maria da Graça Folque, (Bambi), colete de natação «Repimpa».

3.ª categoria (dos 6 aos 9 anos) — 1.º, Eurico Manuel Costa Allen Revez, (Palhaço), bicicleta «Hélio»; 2.º, Jacinto José Palma Dias, (Burro), máquina fotográfica «Rondine», Ferrânia; 3.º, Fausto Hidalgo do Nascimento, (Cavalo marinho), colchão pneumático «Repimpa»; 4.º, Luís Manuel Oeiras Fernandes, (Girafa), colete de natação «Repimpa».

Seguidamente, a Escola de Trânsito da Shell Portuguesa, perante alguns milhares de pessoas, fez a sua apresentação, dirigida pelo sr. dr. Luis Cerqueira, delegado da Administração da Shell Portuguesa.

Embora fazendo sorrir, mercê das perpécias dos seus pequeninos actores, reconhece-se, inegavelmente, como são úteis e provei-

tosos os ensinamentos que ela dá a quantos andam de automóvel, de bicicleta ou a pé.

Na quarta feira, no panorama maravilhoso da Praia da Rocha, teve o seu epílogo este simpático Concurso das Construções na Areia. Por sortilégio, talvez, do cenário de encantamento, os «trabalhos» apresentados naquela praia ofereciam, segundo informações imparciais, mais elevado índice artístico do que os de Monte Gordo...

O júri, formado pelo presidente da Comissão Municipal de Turismo de Portimão, sr. José Ramos, dr. Rogério Alvo e o poeta João Brás, depois de passar em revista as numerosíssimas «obras de arte», distribuiu as classificações, pelas três categorias, da seguinte forma:

1.ª categoria (dos 12 aos 15 anos) — 1.º, Casimiro Mateus de Oliveira Campos, (Discóbolo), bicicleta «Hélio»; 2.º, Artur Manuel Simões Piedade, (Pega de cara ao touro), máquina fotográfica «Rondine», Ferrânia; 3.º, Maria José Leal, (Espanhola), colchão pneumático «Repimpa»; 4.º, Helder Pincarilho Camacho Baptista, (Palhaço), colete de natação «Repimpa».

2.ª categoria (dos 9 aos 11 anos) — 1.º, Sérgio António Gomes Bernardo, (O Chiquinho vai à praia), bicicleta «Hélio»; 2.º, Manuel Rocha Marques Ferreira, (A burra e o burrinho), máquina fotográfica «Rondine», Ferrânia; 3.º, Teresa Baião do Nascimento, (Camponesa algarvia no burro), colchão pneumático «Repimpa»; 4.º, José Emilio Pizar de Oliveira Calvário, (Bambi), colete de natação «Repimpa».

3.ª categoria (dos 6 aos 8 anos) — 1.º, Maria Paula Gomes Bernardo, (Rapariga a ler «O Cavaleiro Andante»), bicicleta «Hélio»; 2.º, Maria Alice Mimoso Alvo, (Caracol), máquina fotográfica «Rondine», Ferrânia; 3.º, José Miguel Gomes Costa, (Peixe), colchão pneumático «Repimpa»; 4.º, Manuel José de Matos Almeida, (Bailarina), colete de natação «Repimpa».

Seja económico
Poupe muito dinheiro
PREFIRA A
TIPOGRAFIA SOCORRO
FÁBRICA DE CARIMBOS

As oficinas gráficas que se impõem pela perfeição e esmero dos seus serviços, e equipadas com as mais modernas máquinas automáticas da Indústria Gráfica.

VILA REAL DE STO. ANTÓNIO
 Telefone 69 Apartado 3

Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários Vila Real de Santo António CONVOCATÓRIA

Ficam por este meio convidados todos os sócios da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários, desta Vila, para comparecerem na sede da dita Associação, para reunião da Assembleia Geral, no dia 18 de Setembro corrente, pelas 21 horas, a fim de tomarem conhecimento sobre a construção do Quartel e apreciação do Orçamento Suplementar n.º 1, para o corrente ano de 1954.

No caso de não haver número suficiente de sócios para esta Assembleia, fica a mesma transferida para as 22 horas, do mesmo dia, a qual funcionará com qualquer número de sócios presentes.

Vila Real de Santo António, 10 de Setembro de 1954.

O Presidente da Assembleia Geral
 a) José António Ritta

Caneta «Conklin»

Vermelho-escuro, sem clips, perdeu-se dentro da camioneta da Empresa Rodoviária, na carreira das 22 horas, de Monte Gordo para esta vila, no dia 7 do corrente mês.

Pede-se a quem a achou o favor de entregá-la nesta Redacção, ou na «Livreria Ibérica», Rua Teófilo Braga, 48. Gratifica-se.

EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e comércio

FABRICA DE TINTAS EXCELSIOR

TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL

Depositário nesta Vila:
MANUEL DA SILVA DOMINGUES
 Avenida da República
 — Telefone 12 —

PAPELARIA IDEAL
 — DE —
JOAQUIM A. CORREIA
 Rua 5 de Outubro, 20
TAVIRA

As últimas novidades literárias
 Papelaria — Artigos Escolares
 ENCADERNAÇÕES
 COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Martinho Rita Bexiga
CAMIONETAS DE ALUGUER
 Telef. 244 ♦ **OLHÃO**

Agradece qualquer consulta sob fretes, ao que pode atender a qualquer hora do dia ou da noite.

LICORES, XAROPES e VINAGRES
TÉCNICOS, procurem-se, para trabalhar no Alentejo.
 Indicar condições e casas onde têm trabalhado.
Resposta à nossa Redacção.

RELÓGIOS

O MAIOR SORTIDO AS MELHORES MARCAS
 A MELHOR GARANTIA OS MAIS BAIXOS PREÇOS

RAMOS & MATEUS
 VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO



DESPORTO

Campeonato Nacional da II Divisão (Zona Sul)

Montijo, 1 — Olhanense, 0

A equipa visitada, que ganhou com todo o merecimento, revelou preparação mais adiantada que a adversária. Os olhanenses, segundo nos consta, tiveram só dois treinos de conjunto.

A partida decorreu sempre com interesse e muita correcção. Na turma algarvia, além do velho Abraão que foi o elemento mais em destaque no rectângulo, distinguiram-se Vinício e Graça.

O ataque dos algarvios tentou jogar em diagonal, mas como nem todos os seus elementos se mostraram competentes do sistema, especialmente Del Duca, a equipa nunca teve movimentos ofensivos à altura das necessidades.

Farense, 3 — Portalegrense, 1

Jogo em Faro no estádio S. Luís entre os representantes dos distritos de Faro e Portalegre. Sairam vencedores, com toda a justiça, os algarvios por três bolas a uma.

O primeiro tempo terminou com os grupos empatados. Tentos marcados por Jacinto e José Maria. Os pontos do segundo meio tempo foram obtidos por Queimado, aos 8 e 80 minutos.

O jogo decorreu com muita rudeza e deve-se à boa arbitragem do sr. Francisco Guiomar, de Beja, não se terem registado cenas desagradáveis.

O futebol praticado foi de fraco nível técnico havendo apenas a salientar a boa vontade da equipa farense em organizar o seu jogo, perante os intentos meramente destrutivos dos visitantes.

No grupo vencedor, salientaram-se Isaurindo, Celestino e José Maria.

Heroulano Valente

Glória Futebol Clube

o que se passa por lá?

CONSTOU-NOS que algo de novo se estava passando, nesta velha agremiação da nossa vila.

Isto levou-nos ao propósito de saber a verdade. Encaminhámos os nossos passos até à sede do Glória — uma centena de metros desde a Praça — e, logo de entrada, deparamos com paredes, salas arranjadas e uma limpeza a que, diga-se de passagem, não nos tinham acostumado algumas gerências anteriores.

Dois directores, Virgílio Lança e Manuel Ribeiro Alves, vieram logo ao nosso encontro e prontificaram-se imediatamente a mostrar-nos toda a sede e, com grande entusiasmo, puseram-nos ao corrente do que de novo já tinha feito e dos seus intúitos futuros.

— Mas o Glória deixou de ser grupo desportivo? — perguntámos.

— Não, por completo; porém, dado que actualmente lhe é impossível manter um grupo de futebol razoável, porque isso custa «os olhos da cara» e é incompatível com um meio restrito, resolveu a actual direcção suspender a parte desportiva e dedicar-se inteiramente à parte recreativa e cultural.

— Essa nova faceta do Clube não encontrou oposição na massa associativa?

— Os sócios são os primeiros a compreender as boas intenções directivas, e

como, infelizmente, na nossa linda vila, não há actualmente qualquer outra colectividade que se dedique à parte recreativa e cultural, os sócios apoiam as nossas directrizes.

— Já vimos que alindaram as salas, tornando-as acolhedoras para os associados.

— Pensamos em realizar, no tempo próprio, várias récitas com o concurso valioso do nosso grupo cénico. Desejamos que os nossos festivos, os nossos bailes, passem a marcar, a ter uma nota de distinção, sem lhes tirarmos o aspecto familiar, tão do agrado dos nossos associados. O que é necessário é que estes nos ajudem.

— Quem dirige o vosso agrupamento artístico?

— Uma dedicação pela causa: o nosso estimado consócio José Padesca, com a valiosa colaboração de José Parra, um ensaiador muito consciencioso. Desejamos, também, criar no Clube o gosto pela boa leitura, para o que pretendemos arranjar uma pequena biblioteca. Vamos circular aos sócios e amigos da terra, a solicitar-lhes a oferta de livros, revistas, jornais, para assim constituirmos o fundo dessa biblioteca.

— Têm muitos sócios?

— Poucos, relativamente.

— Mas confiamos nos habitantes da nossa terra, para que, compreendendo o esforço que estamos fazendo, acorram a ajudar-nos, entrando para sócios.

— O preço da quota não impedirá esse vosso desejo?

— A quota é pequena: 5 escudos mensais. Se cada associado arranjassem um outro, já duplicaríamos a receita da quotização e isso permitir-nos-ia realizar mais depressa os nossos desejos.

— Vocês necessitam de propaganda nesse sentido.

— Pedimos, desde já, que cada associado traga à sede um amigo, para lhe mostrar

CINE-POZ

Apresenta, dia 16, quinta feira, um sensacional programa duplo.

... e Deus não dorme, com Claudette Colbert e Ann Blyth, num drama palpitante que se desenrola num mosteiro onde se reúnem seis pessoas envolvidas num mistério. Uma religiosa consegue livrar do cadafalso uma rapariga que a sociedade injustamente condenara. A luz da piedade esclarece um trágico enigma!

Passei por cadastrada, com Scott Brady e Mona Freeman.

Uma rapariga cleptómana é obrigada a passar por gatuna, para ajudar a polícia a desmascarar uma quadrilha.

(Espectáculo para indivíduos com mais de 18 anos).

Está triste?
 A vida corre-lhe mal?
LEXIA
«CARA ALEGRE»
 Revista de BOM HUMOR
 PUBLICA-SE NOS DIAS 4 E 15 DE CADA MÊS
 Apenas por 4\$00, obterá boa disposição por 15 dias.

o que já está feito — que é pouco, para o que pretendemos, e muito, dentro dos nossos parcos recursos. Assim, estamos convictos de que não será difícil interessá-lo pelo nosso Clube — que, frizamos, vai experimentar uma nova modalidade, a artística e recreativa — e passar a ser um novo associado e propagandista do Glória.

— Oxalá consigam o que pretendem e, por nós, ficamos muito agradecidos por termos oportunidade de ver que algo de novo se passa no «velho» Glória e de darmos conta aos nossos prezados leitores da vossa interessante actividade.

ASAS

Noticias do Algarve

Informamos os nossos estimados assinantes, que estão à cobrança os recibos referentes à 7.ª Série do «Noticias do Algarve», n.ºs 61 a 70, pelo que antecipadamente agradecemos o seu bom acolhimento.

Aos assinantes do Estrangeiro e bem assim aos das nossas Províncias Ultramarinas, agradecemos a remessa pela via mais rápida.

Preço de Assinaturas:

Continente	
Séries de 10 números . . .	9\$90
» » 20 »	19\$90
» » 50 »	49\$50
Ilhas e Colónias Portuguesas	
6 meses	28\$80
Um ano	57\$60
Estrangeiro	
Um ano	90\$00
Pagamento adiantado	

Experimentando os seus modelos de Estação é ter a certeza de vestir melhor por menos preço



Confecções Viresa, L.ª
 FÁBRICA DE CAMISAS
 VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Correspondente

Precisa-se, empregado ou empregada, para francês e inglês e que conheça cálculo comercial.
 Resp. Guerreiro & C.ª, Lda., Fábrica de Conserve de Peixe, Olhão.

Holland-America Line

AGENTES GERAIS
CARLOS GOMES & C.ª L.ª
 4, L. VITORINO DAMÁSIO — LISBOA
 TELEF. 668087 (3 LINHAS)

SERVIÇO REGULAR MENSAL
 Para HAVANA, VERA CRUZ, COATZACOALCOS, TAMPICO, NEW ORLEANS, MOBILE, Ala., HOUSTON E GALVESTON

O vapor rápido
“EEMDYK”
 carrega em LISBOA em 27 de SETEMBRO

Carreira regular de Lisboa ou portos do Algarve, via Rotterdam para Cristobal, Los Angeles, San Francisco, Victoria, Vancouver, Seattle e Portland

Partidas de Rotterdam:
 «DUIVENDYK» — 21 de Setembro
 «DIEMERDYK» — 2 de Outubro

ATRAVÉS DO PASSADO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

dois filhos, Manuel e Mário, atingiram idade avançada.

O doutor Manuel da Silva Gayo faleceu com 74 anos e o engenheiro Mário da Silva Gayo, com 82.

A gravura, que acompanha o segundo artigo do sr. Manuel Cabanas, é expressiva e enérgica, mal se podendo apreciar, através das suas linhas firmes, a delicadeza que lhe servia de apanágio.

No primeiro artigo do sr. Manuel Cabanas encontrei, porém, uma referência que não corresponde à verdade. A culpa, evidentemente, pertence à falta de memória desse trémulo velho de 82 anos.

Manuel da Silva Gayo era simplesmente bacharel em Direito e nunca foi lente da Universidade de Coimbra.

Foi, sim, longos anos, secretário geral da Universidade de Coimbra, e nessa qualidade, inesperadamente, travei com ele relações epistolares. Este caso passou-se em Outubro de 1920.

O meu filho Antero estava com 17 anos de idade e havia-se matriculado na Faculdade de Ciências de Lisboa, para tirar preparatórios e ingressar na Escola Naval. Depois de matriculado, e creio que aconselhado por um colega cácula, escreveu-me à pressa para fazer a sua transferência para a Faculdade de Coimbra. Segundo o informaram, na Faculdade de Lisboa havia um professor de

O PRIMEIRO PORTO

SARDINHEIRO DO MUNDO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

ra deste porto desapareceu há mais de um lustro. Profunda e já longa crise, cujas causas ainda não foram identificadas, projecta as suas dramáticas consequências sobre a sua realidade piscatória e industrial. Deste modo pôde decair-se da safra que excedeu 42.000 toneladas em 1937 para a irrisória cifra de 2.000 em 1953.

Entretanto, outro porto, o de Agadir, vinha substituir o de Vigo, superando-o. Nos anos de 1924 a 1928, que foram os de normalidade e apogeu da costa de Vigo, a pesca da sardinha tinha no porto marroquino um carácter de artesanato que não permitia pescas superiores às de mil toneladas por campanha.

A partir de 1942, as coisas mudaram radicalmente. Nesse ano, uma meia dúzia de barcos de sardinha, a motor, utilizando redes de cerco chegaram de Casablanca para tentar a sorte nas águas de Agadir. Em pouco tempo, puderam comprovar a grande riqueza de peixe que existia nessa região. A pescaria apanhada era transportada de noite, em camiões, para Casablanca onde era entregue às fábricas de conserva.

A abundância de sardinha foi tão grande, que no decorrer daquele mesmo ano se instalaram várias fábricas, iniciando-se a indústria de conservas que não tardou a desenvolver-se prodigiosamente.

O certo é que, em 1953, a colheita de sardinha em Agadir se elevou a 50.000 toneladas, ao passo que a obtida em Vigo não chegou a alcançar as 2.000. Esta nota é bastante expressiva para que não possamos tirar dela o seu verdadeiro significado.

Química que marcava todos os alunos...

Sabendo que o secretário geral da Universidade de Coimbra fora condiscípulo e amigo de dois amigos meus—Manuel Teixeira Gomes e José Timóteo da Silva Bastos—escrevi-lhe a perguntar se seria possível, naquela altura, transferir o meu filho de Lisboa para Coimbra. No final de breve carta que lhe escrevi, explicava que o ser amigo de dois amigos seus me dera a liberdade de o importar.

Respondeu-me, na volta do correio, afirmativamente e que lhe mandasse os documentos que indicava, que ele mesmo trataria de tudo. A sua carta cativou-me logo, pela afabilidade e simplicidade dos seus dizeres. E referia-se aos dois amigos algarvios com funda estima e admiração. E assim começou a nossa amizade.

Um dia, mandou-me a «Chave Dourada», colecção de versos patrióticos e sentimentais, que eu li e agradei efusivamente.

No ano seguinte, convidei-o a vir passar duas ou três semanas na minha quinta da Praia da Rocha, pois gostava que ele conhecesse o Algarve, uma das províncias mais pitorescas de Portugal.

Agradeceu o convite mas não o aceitou, explicando a seguir o motivo.

Conhecia já o Algarve, pois residira alguns meses em Silves, tendo iniciado na velha cidade mourisca a sua carreira burocrática—como administrador do concelho.

Mas dizia estas verdades numa linguagem tão simples que mais parecia um trecho lírico de um menestrel provençal.

Todo esse homem era um relicário de virtudes antigas, verdadeiramente fidalgas, que o faziam ligar a amizades superiores, nobremente espirituais—como a que por ele alimentava esse príncipe da poesia simbólica que se chamou Eugénio de Castro.

O meu filho não soube aproveitar as facilidades desse bom amigo para se tornar um estudante notado e categorizado.

Estudou pouco. Mas os colegas, ao surpreendê-lo, às vezes, na Secretaria sentado ao lado de Silva Gayo, começaram a perceber que aquele estudante contava com a sua discreta protecção.

E então as súplicas e os rogos dos colegas, para o meu filho lhes arranjar empenhos, choviam, tornaram-se diários. O lente Souto Rodrigues era implacável na ferocidade de mestre, chumbando a maioria dos alunos. Meu filho, com certa diplomacia, conseguiu *stapeler* o terreno que alguns académicos trilhavam com passo irregular...

A morte do lente Daniel de Matos—muito querido da Academia—provocou um sério conflito entre o lente Angelo da Fonseca e um quintanista de Medicina.

Uma greve alastrou por todas as aulas, e os exames foram adiados, com grave prejuízo para a algibeira dos pais.

O meu filho, porém, salvou-se das águas do Mondego, mas veio a *afogar-se* nas águas do Tejo...

Quando se viu aspirante de Marinha, garboso, empertigado, voltou a Coimbra para abraçar Silva Gayo e uma namorada gentil que lá deixou...

Silva Bastos, pela «Quei-

O PROBLEMA DAS PADARIAS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

n.º 31.545; de 30 de Setembro de 1941.

Para se fazer uma ideia de quanto esta indústria se encontra pulverizada, basta dizer que das 393 padarias existentes em 1950, na área do Grémio dos Industriais de Panificação de Faro, apenas 29 laboravam mais de 5 sacas de farinha por dia. A grande maioria trabalhava entre 1 e 2 sacas de farinha.

E isto quer dizer que a maioria delas não tinha o lucro líquido de 1%—a não ser que, como já foi dito na referida Revista de Panificação, o pão fosse vendido com falta de peso e com mau fabrico.

Lucrará o público em ser ludibriado?

Ou, pelo contrário, lucrará com o aparecimento do pão à venda em quantidade suficiente para o seu abastecimento e também com a sua melhor qualidade! E é intuitivo que, desde que exista a pulverização da indústria, com os seus lucros diminutos, ou quase nulos, não há possibilidade de adquirir certos maquinismos e aparelhos que tornam o pão uniformemente bom, pois para que as fermentações se façam no tempo limitado que a fiscalização do fabrico verifica frequentemente, é preciso que existam temperaturas óptimas, quer de verão quer de inverno, isto é, torna-se necessária a existência de câmaras de fermentação.

Em resumo, conforme se pode ler no citado Diário das Sessões, desta pulverização da indústria de panificação resultou que não se tem registado o menor progresso técnico de fabrico digno de menção, e a anarquia reinante no capítulo de qualidades, pesos e preços, é verdadeiramente confangedora, mas explicável se atendermos a que se encontra desaproveitada, por falta de consumidores, mais de 70% da capacidade de produção instalada.

* * *

A indústria de panificação ocupa no País 6.000 patrões com 30.000 operários, que pagam na roda do ano à volta de 17.000 contos de contribuições ao Estado, 18.665 contos à Previdência, mais 5.600 contos às Camaras Municipais, além das contribuições de 3% sobre os salários, para o Fundo de Desemprego. Em 1950, calculava-se que os 8 milhões de portugueses, comendo 300 gramas de pão cada um, na proporção apenas de 2% de pão tipo especial, como se verifica nas nossas aldeias, onde, como se sabe, o poder de compra do consumidor é menor do que nas cidades e vilas, deviam consumir cerca de 8 mil contos de pão por dia!

Na sequência das considerações anteriormente feitas, em defesa do lucro do industrial de padaria, (que é a remuneração do seu trabalho e da aplicação do seu capital), dissemos já que estas dificuldades têm resolução através da constituição de sociedades por quotas,

ma» de 1925, foi a Coimbra e visitou o antigo condiscípulo Silva Gayo, que andava adoentado. E trouxe para mim um abraço afectuoso do poeta, que eu retribuí por carta extensa, dedicada, espontaneamente sentimental...

Marcos Algarve

como existe por exemplo em *Cacela*, e que é da competência dos Grémios dos Industriais de Panificação promover a concentração de padarias e o encerramento das consideradas desnecessárias ao abastecimento público, nos termos do decreto n.º 31.545, de 30 de Setembro de 1941.

Um estudo comparado de lucros líquidos de 2 padarias existentes numa aldeia da nossa Província, com cerca de 4.000 habitantes, levou-nos à seguinte conclusão:

Uma padaria isolada, manipulando cerca de 1.000\$00 de pão por dia, em concorrência com 4 outras, teria de lucro líquido cerca de 6\$50 por dia.

Mas, se nessa mesma aldeia, as 5 padarias estabelecessem uma sociedade por quotas, com laboração previamente estabelecidas, o seu lucro diário passaria para cerca de 80\$00 por dia!!!

As 4 restantes padarias teriam um aumento de lucro em proporção com as respectivas quotas de laboração.

Em qualquer outro país, onde as formas cooperativas têm larga divulgação, para defesa do lucro do produtor e do vendedor, mas onde a diferença entre os preços de custo e de venda estão limitados—a solução das dificuldades das nossas padarias já teria surgido há muito, com resoluções práticas.

Aos abencerragens da livre concorrência, com o fundamento da melhoria do produto fabricado, aduzimos com os argumentos dum conceituado economista, os do professor dr. Marques Guedes, em artigo de fundo do «Diário de Notícias», de Fevereiro de 1951: «não há maneira de encontrar um Manual ou Tratado de Economia Política, de autor clássico, seduzido pelas excelências da livre concorrência, que não consigne, nas ressalvas indispensáveis desta, a necessária limitação das moagens e padarias. E' que no fundo de tal ressalva está o convencimento de que o custo da produção, não podendo descer abaixo de certo limite, e que a concorrência sem barreira ia cerceando a margem possível do lucro, momento houve a partir do qual esta se mantinha ou alargava à custa das fraudes».

Por demais, não é a falta de fiscalização das nossas actividades industriais e comerciais que se nota, e a prova é de que foi recentemente determinado a coordenação dessa fiscalização, no sentido de evitar sobreposições e até de impedir a normal laboração da indústria.

Julgamos que não será de manter o estado actual de pulverização da indústria de padaria.

Nem lucra o pequeno industrial nem lucra a Economia da Nação, com a existência de *indústrias parasitárias*, que são todas aquelas que, para viverem, ou precisam do aumento da sua margem de lucro, com prejuízo do público consumidor, ou então têm que enganar, dando-lhe *gato por lebre*...

A. P.

A tiragem e a expansão de «Notícias do Algarve» justificam a preferência dos seus anunciantes e oferecem segura garantia dum útil e proveitosa publicidade.

A C. E. D. E O REARMAMENTO ALEMÃO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

xelas, que constituiu, no dizer de Mendès-Francês, uma «verdadeira humilhação para a França», tornara-se evidente que a Comunidade Europeia de Defesa encontraria acolhimento hostil, por parte da maioria do Parlamento Francês.

Certas facilidades dadas aos alemães pelos Aliados, a sua complacência em relação a militares e industriais comprometidos no regime hitleriano, a generosidade dos aliados pelos Krupp, Stinner, Thyssen e Abbs, incontestáveis responsáveis da subida de Hitler ao poder, avivaram, mais a mais, as dúvidas e receios da França.

A recusa da C. E. D. pelo Parlamento Francês, explica-se, pois, nesse justificado medo dum exército alemão rearmado, uma nova e poderosa Wehrmacht, pronta a atingir a direcção e supremacia militar na Europa.

Note-se que, segundo noticiaram os jornais do 1.º de Setembro, enquanto a França e a Inglaterra procuram salvaguardar os interesses do Continente e se esforçam por chegar a um entendimento, na Alemanha do dr. Adenauer fala-se já abertamente numa Comunidade Europeia, excluindo a França. Assim, conforme a «France Presse», um matutino alemão de grande tiragem, escreve: «a França suicidou-se com medo de morrer. Sem a França, a Europa fica completa, e sem a Europa, a França está perdida. (1.º de Janeiro, 1/9/54)».

Dia a dia se torna mais claro que a Alemanha, a pretexto de defender as causas da liberdade e da democracia, vai renovando e alimentando os seus velhos sonhos de «révanche» e de hegemonia.

A própria geografia é ajustada às suas ambições, de molde a servir os designios das esferas militaristas alemãs e as manobras dos que não desistiram na consecução dum plano francamente imperialista. Não são só os jornais alemães que expressam essas velhas ideias; homens de Estado proclamam, com franqueza e cinismo, pontos de vista semelhantes, utilizando uma linguagem que faz recordar os célebres

ELEMENTOS PARA A

ECONOMIA DO ALGARVE

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

de Julho. Assim, enquanto a América do Norte importou 81.583 quilos, o mercado inglês adquiriu 18.524 quilos. Por sua vez, a Palestina, um novo consumidor, adquiriu 10.450 quilos e há ainda a assinalar a circunstância do Egipto ter comprado 7.373 quilos e a Austrália, 6.773. Comprador interessado tem-se mostrado também o Canadá. Tudo isto é pouco, dirão, mas muitos poucos fazem muito, e parece-nos que não virá longe o tempo em que poderemos discutir preços com os norte-americanos. E' questão de persistir em introduzir o saboroso aperitivo noutros mercados. Para tal, os industriais devem oferecer algumas caixas para experiência, já que não há meio de se começar a fazer lá fora uma propaganda inteligente das nossas conservas.

J. B.

«slogans» de Hitler. Waldemar Kraft, ministro federal, em Setembro de 1953, através da Rádio de Rias, declarava: «juridicamente, todos os territórios que pertenceram outrora ao Reich Alemão constituem ainda sua parte. Partindo deste princípio, o povo alemão tem o direito de se instalar nesses territórios». O que significa, na sua simplicidade brutal, que a Alemanha aguarda a sua hora propícia para se lançar na aventura belicista e apoderar-se da Suíça, A'ustria, Checo, Polónia e Dinamarca.

Reconhecendo a Alemanha a fraqueza dos seus aliados de ocasião, trata de especular com a sua posição táctica, e a revista «*Nation-Europe*», de Coburgo, num número do ano findo, escrevia com o seu habitual à-vontade e verdadeiro desprante: «a geografia impõe ideias de que a Alemanha não é unicamente o centro estratégico da Europa, mas que, seguindo os acontecimentos actuais, é o único bastião que resiste. Assim, a defesa da Europa deve ser organizada à sua volta».

Que sentido dar a esse ponto de vista táctico?

O sentido de que a armada alemã deve tornar-se a mais poderosa da Europa. O ministro Jacob Kaiser, num discurso em Salzburgo, dizia já nessa altura: «Uma verdadeira Europa não pode ser formada, a não ser que a unidade alemã esteja restabelecida. Esta unidade engloba, — lembro-vos, — a A'ustria, uma parte da Suíça, o Sarre e a Alsácia-Lorena».

Em linguagem imperialista, não se pode falar com maior clareza. Hitler não diria melhor. E quando as palavras são ditas com tal veemência, todas as cautelas e receios se colocam de sobreaviso. A Alemanha fala numa possível reconciliação com a França, mas o que é um facto é a experiência dolorosa sofrida estar ainda bem viva na memória e consciência do povo francês.

O renascimento do nazismo; a formação dum Estado-Maior, estruturado nos moldes dos tempos de Hitler e formado com os mesmos homens; a produção de material de guerra nas suas 400 fábricas em laboração permanente, são factos que a França não podia ignorar ou esquecer. E o repúdio da C. E. D. pela maioria do Parlamento Francês residiu, mais do que em qualquer outro facto, no medo e receio dum rearmamento alemão, ameaça constante dum França que sofreu três invasões, num curto período de tempo.

Debata dramático, como já há anos se não assistia na Assembleia, tanto os adversários como os cedistas deviam ter as suas diferentes razões para proclamarem a importância dessa discussão onde se jogava o destino do seu país.

Rodrigues Pena

Moradias

Vendem-se três, em Vila Real de Santo António: Rua Almeida Garrett, n.º 9; Rua S. João de Brito, n.º 22 e Rua Vasco da Gama, n.º 10.

Tratar com o sr. João Inácio Pato — Vila Real de Santo António.